ORGANIZAR DA ECOLOGIA INTEGRAL NA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA: diálogos entre o Território Usado, a Extensão Crítica e a Construção do Comum

ALINE SANT'ANA ALVES PEREIRA[1];
SIMONE CATALAN PEREIRA[2].

[1] *Mestranda em Administração na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais* - alinesap05@gmail.com
[2] *Mestranda em Administração na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais* - simonecatalan@gmail.com

CONTEXTUALIZAÇÃO

As múltiplas crises socioambientais contemporâneas, marcadas por incertezas políticas, esgotamento de alternativas ao capitalismo e degradação das condições de vida no planeta , exigem que as Instituições de Educação Superior (IES) transcendam o papel tradicional de transmissoras de conteúdos técnicos. A universidade não pode ser compreendida como uma "Torre de Marfim" isolada, mas sim como um Território de Conhecimento , capaz de formar sujeitos aptos a enfrentar os desafios ecológicos, sociais e políticos do século XXI. Para tanto, faz-se urgente conectar a ciência com o múltiplo, o variável e o situado, construindo um paradigma colaborativo, inter e transdisciplinar que atue com a sociedade, e não sobre ela , rompendo com o "saber único" e colonizador por meio de uma ecologização dos saberes.

Sob a perspectiva de Milton Santos, o território universitário configura-se como um "território usado", definido como o chão acrescido da identidade, onde os objetos e as ações humanas se integram em um sistema indissociável. O campus da PUC Minas revela-se, assim, como um espaço complexo, dinâmico e privilegiado para a construção de caminhos face aos desafios sociais , funcionando como um Laboratório Vivo para a Sustentabilidade. Esse território é palco de uma dialética entre verticalidades — vetores de racionalidade pragmática e mercadológica dos setores hegemônicos — e horizontalidades, que representam os domínios de contiguidade territorial e o cotidiano onde a Educação Ambiental Crítica encontra terreno fértil para a resistência.

Adicionalmente, Rogério Haesbaert contribui para essa leitura espacial ao discutir a multiterritorialidade e o hibridismo escalar ou "glocalização", demonstrando que o estudante e a universidade habitam múltiplos mundos simultaneamente, conectando redes físicas e informacionais locais e globais. O território-rede da universidade opera por nós e fluxos, transcendendo o espaço físico por meio da conectividade virtual e tornando-se uma arena de disputa entre a lógica de mercado e a emancipação social.

Paralelamente a essa dimensão territorial, a Extensão Universitária desponta como elemento central de transformação. Historicamente influenciada por modelos utilitaristas anglo-americanos voltados ao mercado e por correntes coloniais e missionárias na América Latina , a extensão no Brasil desenvolveu-se tardiamente a partir de iniciativas estatais e espelhamentos estrangeiros, sem um alinhamento inicial situado com as demandas civis internas. Embora tenha surgido conectada a movimentos estudantis e universidades populares

, a reforma educacional do período da ditadura militar esvaziou seu caráter político, institucionalizando-a como prestação de serviços sociais assistencialistas para o Estado.
Atualmente, o cenário da extensão brasileira é profundamente marcado por avanços jurídicos, com destaque para o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão fixado pela Constituição Federal de 1988 e o processo de curricularização determinado pelos Planos Nacionais de Educação (PNE 2001-2010 e PNE 2014-2024), que estabeleceram a obrigatoriedade de reservar, no mínimo, 10% dos créditos curriculares da graduação para ações extensionistas. Essa inserção obrigatória abre portas para novas dinâmicas institucionais , mas também impõe o "risco adaptativo" de realizações superficiais ou rateios de carga horária meramente emergenciais e desconectados do percurso formativo dos estudantes.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo dialogar criticamente com a literatura de geografia de base territorial e de educação crítica, buscando defender a transformação da universidade de uma entidade subordinada à lógica mercantil para um "territórios de conhecimento do comum", voltado à emancipação social e ecológica. Ademais, busca-se analisar como a extensão universitária crítica e sua respectiva curricularização podem atuar como eixos estruturantes para a indissociabilidade acadêmica e para a sustentabilidade regenerativa no cotidiano institucional.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter teórico-crítico e reflexivo, baseada no levantamento e na articulação conceitual de obras referenciais nas áreas de análise territorial e extensão universitária. A fundamentação geográfica ancora-se nos conceitos de "território usado", "verticalidades" e "horizontalidades" de Milton Santos , bem como nas noções de "multiterritorialidade", "glocalização" e "território-rede" de Rogério Haesbaert.
Esses conceitos são tensionados e postos em diálogo com o histórico legislativo e pedagógico da extensão universitária no Brasil , utilizando as contribuições de Imperatore sobre indissociabilidade e curricularização , a abordagem de "socioformação" e "pensamento complexo" proposta por Tobón , e as proposições de Echeveste e Cherrington a respeito de agência, laços socioafetivos e metodologias ativas mediadas. O estudo assume, simultaneamente, uma vertente de suporte reflexivo voltada para a práxis dos autores nos âmbitos da extensão e da gestão de infraestrutura acadêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A articulação teórica evidencia que a universidade, ao compreender-se como um território vivo e dinâmico, defronta-se com o desafio de romper com modelos tradicionais de extensão fragmentados, acríticos e assistencialistas. A efetivação de uma extensão universitária crítica exige a superação de barreiras históricas como a falta de clareza prática, a carência de recursos, a indisponibilidade de tempo e a resistência cultural docente. Para além da mera aplicação acrítica de tecnologias digitais ou de metodologias ativas superficiais e desprovidas

de mediação teórica , o fazer extensionista deve estruturar-se em diagnósticos contextualizados, trabalho colaborativo de longo prazo e cogestão comunitária, alicerçando vínculos de confiança mútua.

Nesse sentido, a abordagem da socioformação emerge como resposta pedagógica ao propor projetos éticos de vida baseados na colaboração, no empreendedorismo social e no pensamento complexo. Essa perspectiva desloca o foco da aprendizagem meramente individual para a intersubjetividade e valoriza a progressão dos níveis de domínio do estudante (do pré-formal ao estratégico) por meio da resolução de problemas reais. A avaliação deixa de ser um dispositivo estático, punitivo ou classificatório e assume uma natureza processual, formativa e emancipatória através de práticas de autoavaliação, coavaliação e heteroavaliação.

Ademais, a Responsabilidade Social Universitária passa a ser mensurada sob quatro dimensões fundamentais na percepção discente: (1) respeito e dignidade, (2) cidadania e participação, (3) entorno e meio ambiente, e (4) liberdade das pessoas. Os dados da literatura apontam que a dimensão da cidadania e participação frequentemente apresenta médias inferiores comparadas ao cuidado com o meio ambiente, sublinhando a urgência de fomentar a agência, o engajamento coletivo e a cidadania ativa nos espaços institucionais. O ambiente educativo deve, portanto, consolidar laços socioafetivos e intelectuais mediados pelo docente, estimulando uma prática reflexiva contínua alinhada ao ciclo de descrição-execução-reflexão-depuração.

Para consolidar essa transformação, propõe-se a superação definitiva das dicotomias entre teoria e prática por meio do modelo de circularidade da indissociabilidade, proposto por Imperatore. Esse modelo estabelece um fluxo contínuo e retroalimentado:

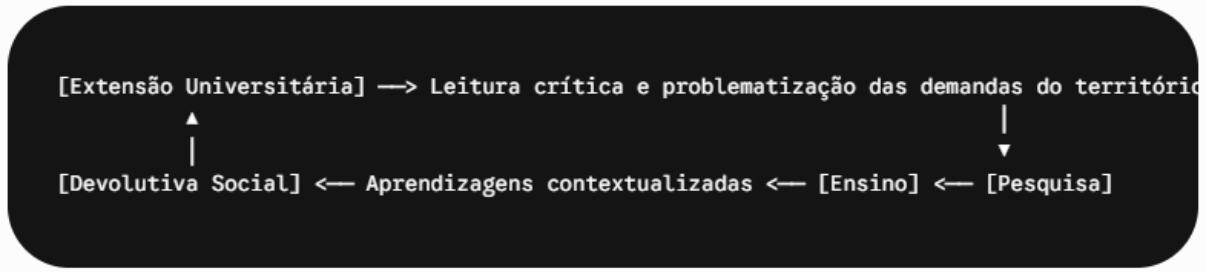


FIG. 01 - Modelo aplicado.

O ponto de partida é a leitura crítica e a problematização das demandas do território (Extensão) ; a partir disso, a Pesquisa gera conhecimentos orientados por essas questões reais, os quais alimentam e oxigenam o Ensino ; por fim, o ciclo se fecha quando a produção acadêmica retorna à sociedade em forma de devolutiva social. Esse arranjo retira a extensão de uma posição periférica e a coloca no centro gerador do projeto pedagógico e político da universidade.

CONCLUSÕES

A compreensão da universidade como um Território de Conhecimento e o fortalecimento de uma Extensão Crítica representam os alicerces para a consolidação da Ecologia Integral e da Ecologia de Saberes no ambiente comunitário. O espaço do campus não se limita ao local

onde se estuda o território; ele é o próprio território habitado, pulsante e em disputa , no qual as contradições do capital se manifestam e onde as práticas de justiça socioambientais devem ser testadas.

Conclui-se que o sucesso da curricularização da extensão e o desenvolvimento de uma Educação Ambiental Crítica dependem intrinsecamente dessa sensibilidade espacial: discernir quem habita o território, como o utiliza e para quais finalidades. O diálogo permanente entre as forças verticais da norma mercadológica e as ações horizontais da vida cotidiana determinará se as IES atuarão como meros servidores de conhecimentos alienados ou como legítimos espaços de emancipação. Ao unir o saber científico ao saber vivido, a universidade renova seu compromisso ético-político, convertendo o campus em um território poroso, de resistência, criatividade e esperança social.

DECLARAÇÃO SOBRE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

"Os autores declaram o uso de IA Generativa e Tecnologias Assistidas por IA durante a elaboração do estudo intitulado, **ORGANIZAR DA ECOLOGIA INTEGRAL NA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA: diálogos entre o Território Usado, a Extensão Crítica e a Construção do Comum**. Os autores utilizaram as plataformas GEMINI e NOTEBOOK para o comparativo de referenciais, busca e organização bibliográfica e revisão gramatical. Após a utilização destas ferramentas/serviços, os autores revisaram e editaram o conteúdo conforme necessário e assumem total responsabilidade pelo conteúdo do trabalho."

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio da FAPEMIG, CAPES, CNPq e das Pró-Reitorias de Extensão e de Pesquisa e Pós-Graduação da IES dos autores.

REFERÊNCIAS

ADÁRIO, S. M. C.; SILVA, M. A. O campus universitário como laboratório vivo para a sustentabilidade. Revista Brasileira de Gestão Ambiental, v. 14, n. 2, 2020.

CHERRINGTON, A. et al. Agency, dialogue, and community: challenging individualised notions of active citizenship in higher education. Journal of Social Science Education, v. 17, n. 1, 2018.

CLOSS, L. Q.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Economia solidária e território usado: contribuições de Milton Santos para os estudos organizacionais. Organizações & Sociedade, v. 24, n. 82, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECHEVESTE, S. S.; IMPERATORE, S. L. B. Arquiteturas pedagógicas e mediação docente em ambientes virtuais de aprendizagem. Revista EDaPECI, v. 20, n. 3, 2020.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. Política e educação: ensaios. São Paulo: Cortez, 1985.

FUINI, L. L. O conceito de território em Milton Santos e suas possibilidades de leitura socioespacial. Geografia em Atos, n. 4, 2015.

GONZÁLEZ, R. et al. Universidades como agentes de transformação social e promotoras de ambientes éticos. Revista Iberoamericana de Educación Superior, v. 13, n. 36, 2022.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade na globalização. Griot, v. 23, n. 1, 2003.

HAESBAERT, R. Território e redes: interações espaciais contemporâneas. Espaço e Tempo, n. 19, 2007.

HAESBAERT, R. Viver no limite: território, dominação e resistência. Revista de Geografia Crítica, v. 4, 2023.

IMPERATORE, S. L. B. A extensão universitária no Brasil: trajetórias, tensões e desafios. Porto Alegre: Editora da IES, 2014.

IMPERATORE, S. L. B. Da indissociabilidade à circularidade: ressignificando o fazer acadêmico. Revista de Educação Superior, v. 8, n. 2, 2019.

IMPERATORE, S. L. B. et al. Práticas integrais e curricularização da extensão: reflexões para uma práxis educativa. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 14, n. 1, 2023.

IMPERATORE, S. L. B.; ZUCCHETTI, N. Desafios metodológicos e riscos adaptativos na curricularização da extensão. Educação em Revista, v. 39, 2023.

LEFF, E. Epistemologia ambiental: o diálogo dos saberes e a crise da modernidade. São Paulo: Cortez, 2025.

MELLO, R.; LISBOA, T.; OSHIRO, M. Campi universitários como laboratórios vivos e conhecimento regenerativo. Sustentabilidade em Debate, v. 16, 2025.

MENDES, J. R. História da extensão universitária: da Revolução Industrial aos desafios contemporâneos. São Paulo: Expressão Popular, 2025.

PALETTA, F. C.; SILVA, J. A.; SANTOS, M. M. A universidade atual como servidora de conhecimentos. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 19, n. 4, 2014.

SALMON, G.; LAVILLE, E. Reconnecting science with life: paradigms for an eco-centric education. Environmental Education Research, v. 31, n. 1, 2025.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, R. M. O conceito de campus e a territorialidade acadêmica. Revista de Estudos Universitários, v. 34, n. 2, 2008.

SEVERINO-GONZÁLEZ, P. et al. Responsabilidade social universitária e competências socioemocionais: a percepção dos estudantes. Revista de la Educación Superior, v. 51, n. 202, 2022.

SOUSA, A. S. S. O papel das universidades comunitárias diante dos desafios contemporâneos da sociedade. Boletim Informativo PUC Minas, n. 112, 2022.

SOUSA, J. F.; NAKASHIMA, R. H. R.; RAMOS JÚNIOR, J. A universidade como instituição social: uma análise a partir de Marilena Chauí. Revista Katálysis, v. 22, n. 1, 2019.

SPATTI, A. C. et al. Marcos jurídicos e a evolução da extensão universitária no Brasil. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, v. 28, 2023.

TOBÓN, S. Socioformação: introdução ao pensamento complexo e à avaliação formativa. México: Instituto CIFE, 2017.

WACHHOLZ, A. O campus como espaço dinâmico de inter-relação socioespacial. Geografia e Pesquisa, v. 11, n. 2, 2017.